

DISCURSO DIALÓGICO ENTRE CONCEITOS DE BAKHTIN E O DESENHO ANIMADO IRMÃO DO JOREL PARA UMA AULA DE GEOGRAFIA

*DIALOGICAL DISCOURSE BETWEEN BAKHTIN'S CONCEPTS AND THE CARTOON BROTHER'S JOREL FOR A
GEOGRAPHY CLASS*

*DISCURSO DIALÓGICO ENTRE LOS CONCEPTOS DE BAKHTIN Y LA ANIMACIÓN HERMANO DE JOREL PARA UNA
CLASE DE GEOGRAFÍA*

RESUMO

As tecnologias vêm invadindo cada vez mais os ambientes escolares e os docentes procuram acompanhar essa corrida, trazendo novas formas de dinamizar as aulas de Geografia. Mas, por vezes, esquecem que tecnologias não tão modernas, como a televisão, continuam em uso frequente pelos jovens. Assim, os Desenhos Animados fornecem uma forma lúdica de abordar o Ensino de Geografia, por meio de uma linguagem acessível. Fazemos aqui uma análise em Irmão do Jorel que vai com sua família ao shopping, e embarca em uma aventura nesse universo que é símbolo do Capitalismo. Propõe-se no presente estudo um dialogismo entre conceitos bakhtinianos e o Irmão do Jorel, como autobiografia, carnavalesco, polifonia.

Palavras-chave: Desenho Animado; Ensino de Geografia; Círculo de Bakhtin; Recurso Didático; Capitalismo.

ABSTRACT

Technologies have increasingly invaded school environments and teachers seek to follow this race, bringing new ways to stimulate Geography classes. But sometimes they forget that not-so-modern technologies, such as television, are still in frequent use by young people. Thus, the Cartoons provide a playful way to approach the Teaching of Geography, through an accessible language. Here we do an analysis in Brother of Jorel who goes with his family to the mall and embarks on an adventure in this universe that is a symbol of Capitalism. In the present study, a dialogism between Bakhtinian concepts and the Brother of Jorel is proposed, such as autobiography, carnival, polyphony.

Keywords: Cartoon; Teaching Geography; Bakhtin Circle; Didactic Resource; Capitalism.

RESUMEN

Las tecnologías han invadido cada vez más los entornos escolares y los maestros buscan seguir esta carrera, trayendo nuevas formas de racionalizar las clases de Geografía. Pero a veces se olvidan de que las tecnologías no tan modernas, como la televisión, siguen siendo utilizadas con frecuencia por los jóvenes. Por lo tanto, los dibujos animados proporcionan una forma lúdica de abordar la enseñanza de la Geografía, a través de un lenguaje accesible. Aquí hacemos un análisis en Hermano de Jorel que va con su familia al centro comercial y se embarca en una aventura en este universo que es un símbolo del Capitalismo. En el presente estudio, se propone un diálogo entre los conceptos de Bakhtin y el Hermano de Jorel, como la autobiografía, el carnaval, la polifonia.

Palabras-clave: Animación; Enseñanza de Geografía; Círculo de Bakhtin; Recurso didáctico; Capitalismo.

 Joélica Pereira de Lima^a

^a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, PB, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2023.75112

Correspondência:
joelicalima@gmail.com

Recebido em: 25 set. 2020
Revisado em: 08 mar. 2023
Aceito em: 13 mai. 2023



INTRODUÇÃO

Os muros escolares são invadidos por uma profusão voraz de tecnologias que chegam de forma desigual, não alcançando com a mesma intensidade estes ambientes, resultando em docentes e discentes que vivenciam experiências de formas e intensidades diferentes.

Mesmo estes meios tecnológicos não alcançando a todos na mesma proporcionalidade, a linguagem informacional se faz presente constantemente e nos chega por meio de diferentes veículos, geralmente acompanhada de imagens em sua linguagem. Essa enxurrada de informações e imagens a que somos submetidos mostra o quão rápida a informação se propaga, devoramos notícias na mesma velocidade que engolimos um copo com água e nessa mesma intensidade temos sede de mais. A mão no controle remoto da televisão ou o dedo passando a tela do celular se mexem em busca dessa degustação imagética e informacional insaciável.

No ambiente escolar, o professor muitas vezes não encontra aparato suficiente para trabalhar, visto muitas escolas não possuírem recursos tecnológicos elementares, como um *Datashow*, quanto mais os sofisticados, como os quadros interativos. Munido do livro didático e do quadro, o docente busca se valer do que está ao seu alcance, formas de trazer essa linguagem visual para suas aulas. Assim, segundo Souza e Soares (2020, p. 28): “O audiovisual é a linguagem do principal meio de comunicação social e tem presença marcante na produção cultural contemporânea, o que pode ser observado desde a propaganda até a sofisticada produção cinematográfica contemporânea”. Nossa comunicação é permeada de imagens:

Nossa vida cotidiana é cada vez mais invadida por uma profusão voraz de imagens. A televisão que assalta as nossas casas, a propaganda comercial que invade as ruas e, mais recentemente, o computador que gera uma nova segregação de convivências (de linguagem e tempo-espço), espalham imagens visuais nas mais diferentes escalas e nos transferem uma sensação permanente do esvaziamento da realidade pela ficção representacional. A intencionalidade do universo simulacional, enquanto prática social, exercita um poder disciplinar sobre o nosso imaginário e esgota, na própria imagem, as possibilidades de apropriação do mundo e, como consequência imediata, provoca a substituição da experiência pela representação de representações (BARBOSA, 2008, p. 111-112).

Nesse cenário surge a necessidade de se ter num novo olhar para os recursos já disponíveis, como a televisão, presente na maioria dos lares e estabelecimentos. De acordo com os dados colhidos pelo IBGE (2020), no ano de 2017 foram observados que 74,9% dos domicílios brasileiros detinham acesso à internet e apenas 3,3% dos domicílios brasileiros *não* possuíam TV, ou seja, 96,7% das residências têm ao menos um televisor. Estes dados só reforçam que as pessoas estão expostas constantemente às imagens televisivas, absorvendo seu conteúdo.



O profissional da educação, portanto, tem “um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 262), tendo um papel fundamental no desenvolvendo o senso crítico do aluno diante das imagens, uma vez que “As pessoas organizam o universo de sua experiência imediata com imagens do mundo” (FIORIN, 2006, p. 133).

Participando desse discurso, Lima (2011; 2014) propõe que, com o devido planejamento e traçando as estratégias pertinentes para a melhor forma de se trabalhar essa mediação entre televisão e conteúdo geográfico, os professores tragam um hábito já praticado pelos alunos em suas casas para dentro da sala de aula, estimulando o pensamento crítico e o protagonismo estudantil.

Dividimos o presente estudo em duas partes: fazemos, inicialmente, uma análise da relevância do desenvolvimento do pensamento crítico no discente diante das imagens televisivas e como o Desenho Animado pode ser um recurso de levantamento de debates. Posteriormente, oferecemos o Irmão do Jorel como proposta para uma aula de Geografia sobre Capitalismo, relacionando com conceitos bakhtinianos perceptíveis na animação.

De forma que professores e alunos sejam beneficiados com a ludicidade e o estreitamento de experiências vivenciadas dentro e fora da sala de aula, os Desenhos Animados surgem como recurso didático relevante na prática educacional e como estimulante de criticidade no protagonismo social.

O recurso imagético televisivo no desenvolvimento do pensamento crítico

De fácil manuseio e disponível em muitas escolas, a imagem televisiva pode facilmente ser reproduzida na tela do celular ou projetada com o auxílio do *Datashow*, quando não for disponível o aparelho televisor na escola. “Um recurso que se encontra pronto seja na internet, na grade televisiva ou em DVDs, não havendo a necessidade de elaboração”, como aponta Lima (2014, p. 11) e, assim, não necessitando de gastos ou produções uma vez que já estão disponíveis nos canais abertos ou *streaming* (canais pagos) e com os mais variados gêneros. Encontramos algo presente na vida do discente que podemos trazer para a aula:

Como a TV é feita para atingir diferentes camadas da população, diferentes aspectos da realidade social são por ela retratados. Se a escola quiser seguir outra lição que o método Paulo Freire ensina – a importância da representação icônica da realidade existencial –, não precisa sequer cuidar da elaboração de material visual. Ele já existe, independente dela, e a ela praticamente toda a população se expõe de forma regular e prazerosa (PENTEADO apud ALBUQUERQUE, 2002, p. 343).



O educador, em seu malabarismo para trazer aulas mais interativas, e com pouco ou quase nenhum recurso, necessita de um novo olhar para o que já tem a seu alcance e perceber o que está disponível também para seu alunado. Segundo Freire (1996, p. 81), “Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com que trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte”. E nesse universo televisivo encontramos os Desenhos Animados que, como aponta Lima (2011; 2014), são recursos imagéticos que agradam todas as faixas etárias. Chegam trazendo uma proposta lúdica para o Ensino de Geografia (e demais disciplinas que se queiram beneficiar):

Quando lidamos com desenhos, estamos lidando com o aspecto visual do pensamento e da memória. Os estudos de comunicação têm-se concentrado, principalmente, sobre os vocabulários, esquecendo o mundo visual. O desenho colabora com o potencial informacional do mundo, trazendo uma comunicação diferente da escrita: a comunicação visual (SANTOS, 2002, p. 196).

Segundo Lima (2011, p. 25), “Somos expostos diariamente às imagens e a verdade transmitida pelos meios de comunicação são tidas como verdades absolutas, o indivíduo não é ensinado a questionar e refletir sobre as informações que absorve, o que se capta é tido como verdade e real”, absorvemos o que assistimos no televisor, porém não somos ensinados a questionar o que captamos. O Desenho Animado surge como uma ferramenta para o levantamento de debates, estimulando o pensamento crítico diante desse dilúvio informacional a que estamos expostos.

Outro ponto positivo na empregabilidade dos Desenhos Animados em sala de aula é a ludicidade das imagens. É através do lúdico que dinamizamos as aulas e atraímos o jovem, pois “propiciar situações lúdicas na escola favorece o desenvolvimento de habilidades necessárias para a construção do conhecimento” (STEFANELLO, 2009, p 49). É por meio do lúdico que podemos aproximar mais o conteúdo da vivência real e transpondo o que se aprende na sala com o que se é vivido fora dos muros escolares. Essa aproximação é importante para que o educando perceba a relação do que se aprende com o que se vive.

Com planejamento adequado e atividades que busquem estimular o senso crítico e espacial, o docente tem a possibilidade de inserir uma atividade que os jovens já praticam - assistir animações - em seu Plano de Aula, como uma ferramenta que venha a auxiliar as aulas de Geografia, de forma a dinamizar ludicamente e, mais ainda, incitar esse aluno ao pensamento crítico:

As atividades lúdicas devem ser pensadas como relevantes no processo de aprendizagem, não apenas como dinamizadoras, mas como agentes estruturantes do raciocínio crítico no aluno, e, nesse processo de aprendizagem lúdica, o professor dispõe de vastos recursos que podem ajudar nas aulas (LIMA, 2011, p. 21).

Para que não seja um recurso utilizado sem o devido preparo, como tantos outros que não cumprem o papel ao qual são destinados, o Desenho Animado “não deve ser utilizado como uma mera ilustração da



palavra do mestre, ou como um reforço da aprendizagem” (BARBOSA, 2008, p. 112), mas como um ponto de partida para debates e levantamentos de questões, onde os jovens indaguem o conteúdo assistido e julguem suas próprias ações. A utilização desse recurso em sala deve ser previamente planejada:

O educador deve preparar-se previamente para o uso do Desenho Animado, assim como qualquer outro recurso, avaliando seu conteúdo e a relação com a matéria estudada, expor aos alunos os objetivos do estudo e o que se pretende analisar no recurso midiático, além de manter o debate em torno de tais objetivos (LIMA, 2014, p. 15).

Para que, assim, sua função de levantar questionamentos, seja cumprida e haja o desenvolvimento da criticidade, “é fundamental preparar o aluno para desenvolver o senso crítico necessário para que possa selecionar e utilizar as informações e não perder-se no “dilúvio informacional” das redes de comunicação” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 263).

Os jovens já mergulham nesse “dilúvio” sem questionar o que lhes é passado, cabe ao professor mostrar que questionar é o caminho para não aceitar a “verdade” como é captada e aquele possa desenvolver uma atuação social plena e cônica.

Utilização do desenho animado Irmão do Jorel na aula de Geografia – um dialogismo paralelo com Bakhtin

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro.

Mikhail Bakhtin

Filósofo russo, Mikhail Bakhtin (M.B.) produziu textos que, por razões políticas, não puderam ser publicados em seu nome, por isso a utilização da nomenclatura “Círculo de Bakhtin”, contendo publicações suas e de outros colegas estudiosos deste grupo, estudos estes que trazem conceitos como cronotopo, polifonia, carnavalização, dialogismo, entre outros que abordaremos aqui, não apenas delimitando seu significado, mas associando ao Desenho Animado Irmão do Jorel.

Nesse contexto televisivo, Irmão do Jorel surge como um recurso relevante às aulas de Geografia, de forma lúdica e polifônica, onde as diversas vozes são absorvidas mutuamente. Disponível não somente na Netflix (*streaming* - plataforma paga), mas no YouTube, de forma gratuita e acessível, o desenho é totalmente brasileiro, venceu o Prêmio Quirino de melhor série de Animação Ibero-Americana em 2019. Hodiernamente passa no canal Cartoon Network. Com uma linguagem simples e divertida, a personagem encanta público de todas as idades, contando a história de um garoto comum, como cita a Revista Superinteressante:



Com uma mistura de referências na cultura pop da década de 1980 e muita inspiração autobiográfica, Juliano Enrico entrega a história de um garotinho comum – tão comum, que ele é conhecido apenas como o irmão do Jorel (este sim, popular, orgulho da casa e cheio de fãs), que vive uma série de situações absurdas ao lado da família, amigos e outros personagens peculiares da vizinhança (PEREIRA, 2020, p. 1).

Propomos aqui não apenas um dialogismo entre o universo bakhtiniano e o Irmão do Jorel, mas seu uso no Ensino de Geografia, uma vez que o episódio escolhido para análise - 3º episódio da 2ª temporada, Shostners Shopping - tem como pano de fundo o Shopping, símbolo do Capitalismo e, portanto, recurso de muitas temáticas no conteúdo de Sistemas Econômicos.

Ao associarmos os conceitos do Círculo de Bakhtin com Irmão do Jorel, também sugerimos atividades e formas de interação entre o professor e sua turma, indicando meios de olhar criticamente as imagens e questioná-las. Porém é importante reforçar:

Vale frisar que o educador deve preparar-se previamente para o uso do Desenho Animado, assim como qualquer outro recurso, avaliando seu conteúdo e a relação com a matéria estudada, expor aos alunos os objetivos do estudo e o que se pretende analisar no recurso midiático, além de manter o debate em torno de tais objetivos (LIMA, 2014, p. 15).

Como mostra Fiorin (2006, p. 79), a polifonia “indica a presença de novos e múltiplos pontos de vista de vozes autônomas, que não são submetidas a um centro. As vozes são equipolentes, ou seja, elas coexistem, interagem em igualdade de posição”. Percebemos a polifonia não somente na exibição do D.A., onde as personagens têm diversos discursos, como também na própria utilização da animação, onde há uma construção de vozes em que o educador aproxima o conteúdo e a vivência dos alunos por meio dos discursos das animações. Irmão do Jorel e a aula de Geografia constroem uma polifonia de enunciados que se entrelaçam à realidade da sala de aula, mesclando com a bagagem de vida dos participantes. Nas várias vezes que o discurso contém, o professor pode levantar algumas questões primárias como: Todos na sala têm a mesma opinião? As personagens pensam e agem igual? Apontando a polifonia dentro e fora da tela.

Quanto ao conceito “dialógico”, Fiorin (2006, p.19) o conceitua como “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Participando desse assunto, o dialogismo é abordado por Souza e Di Camargo (2019, p. 19), como: “O diálogo é a base de toda a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin [...] não é apenas uma ferramenta de análise e sim a relação entre o que se observa e o observador em si”. É relevante considerar o dialogismo que as imagens transpõem com o cotidiano vivenciado:

O dialogismo é o permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura. A linguagem é, portanto, essencialmente dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dos discursos (DI CAMARGO, 2020a, p. 60).



Ao analisar Irmão do Jorel, adentramos nesse dialogismo entre a animação e a história que vem por trás, a bagagem que a imagem carrega consigo. Tratar-se de um desenho baseado na vida de seu autor, o Juliano Enrico, e nos possibilita, como aponta Bakhtin, uma possibilidade de encontrarmos o nosso “eu” no outro, na vida do outro, uma vez que “Essas reflexões todas têm, como pano de fundo, o pressuposto bakhtiniano forte do primado da alteridade, no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me construir” (FARACO, 2009, p. 96). Dialogizamos não apenas com a animação quando comparamos nossas experiências infantis com a personagem, mas também quando relacionamos o Capitalismo com o episódio e todo o cenário que este exhibe.

Projeta-se através da animação uma autobiografia que permite a possibilidade do indivíduo em captar a memória do outro e associar às suas experiências, assimilando não apenas o que a história transmite explicitamente, mas a narração intrínseca, onde “Toda memória pode ser considerada como uma narração de algo” (DI CAMARGO, 2020a, p. 99).

Para ele [Bakhtin], a autobiografia não é (e não pode ser) um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado do interior do evento da vida vivida. Ao escrever uma autobiografia, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido (FARACO, 2009, p. 95).

Para quem viveu as décadas de 80 e 90, encontramos um arcabouço de símbolos, costumes e cultura característicos de sua geração, provocando uma dose de nostalgia; as gerações mais novas, além de conhecer através da “memória de passado” do outro o que aconteceu décadas atrás, podem se divertir com o “carnavalesco”, com o cômico e as paródias que surgem. Fiorin (2006, p. 134) denomina essa mudança temporal de cronotopo, onde “Figura-se o mundo por meio de cronotopos, que são, pois, uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, que estão em interação mútua”. Uma linha temporal futura ou, no caso da abordagem da animação, uma linha que remete ao passado e que transmite a vivência do outro, possibilitando que relacionemos estreitamente com a nossa realidade, associando e comparando com nossa própria experiência:

Quando Bakhtin fala da memória, ele explica que a memória é sempre de passado e de futuro. Elas andam juntas, são complementares. Os sujeitos estão inseridos na História e em seus valores. Ao enunciar, resgatam-se esses valores já estabelecidos, mas ao invocar os valores ou significações, imediatamente se reinventa o sentido, pois o indivíduo contribuiu com o tom, com a expressão, com o desejo do que quer dizer. A memória do passado é o que se pode chamar de atual, contemporâneo (DI CAMARGO, 2020a, p. 100).

O dialogismo entre presente e passado permitem não apenas visualizar o que ocorreu, mas interagir de forma ativa e compreender o outro. Essa mudança temporal é o que Bakhtin chama de cronotopo, o tempo e o espaço, que transformam o espaço geográfico e moldam a nossa realidade. Segundo Di Camargo (2020b,



p. 52), “A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão”, esse movimento temporal é o que nos garante a aprendizagem:

Entendemos que falar é um ato situado num presente, presente este que não existe em si, pois ao acontecer logo em seguida já é passado. Que conseguimos agir, porque temos referências passadas (memórias do passado) e temos projeções para o futuro (memórias do futuro). Agimos (entenda enunciados) de acordo com as referências e projeções (DI CAMARGO, 2020a, p. 115).

A duração do 3º episódio da 2ª temporada, com aproximadamente 10 minutos, possibilita que conteúdo, animação e atividade sejam abordados na mesma aula. Intitulado Shostners Shopping, o episódio inicia com o irmão do Jorel sendo convidado para o aniversário de Ana Catariana, colega de classe e seu primeiro amor, ele pede uma roupa nova, levando todos os componentes da família ao shopping (Figura 1). Logo que a família entra, Seu Edson, pai do Jorel, fala: “Que absurdo! Será que as pessoas não têm nada melhor pra fazer além de ficar gastando dinheiro com bobagens?!”. Vemos não apenas uma crítica ao sistema capitalista, mas “Ao esforço centrípeto dos discursos de autoridade opõe-se o riso, que leva a uma aguda percepção da existência discursiva centrífuga” (FIORIN, 2006, p. 89), visto que logo em seguida Seu Edson acha uma loja com produtos do seu agrado e corre para lá, tornando o momento engraçado.

Figura 1: Família do Irmão do Jorel vai ao Shostners Shopping.



Fonte: Netflix/2020.

Essa mesma imagem (Figura 1), mostra a família ao lado esquerdo, perto da escada rolante, em um momento único - a chegada -, onde todos estão próximos. Logo em seguida a família se dispersa e cada um busca seu destino. Nota-se uma diversidade de serviços, lojas, pessoas passeando. O shopping torna-se não

apenas um espaço de compras, mas de consumo de lazer. O professor pode indagar quantos na turma já visitaram e como foi sua experiência no shopping.

No momento em que Seu Edson sai em busca da loja de discos, atrativa ao seu gosto, cada uma das personagens parte em rotas diferentes. Pronto para atender todos os indivíduos, o shopping reúne os mais diversos atendimentos, desde lojas de roupas, calçados, perfumaria, entre outros produtos a serem comprados, encontramos também serviços, como: salão de beleza, academia, agências bancárias etc. Dona Danuza, mãe do Jorel, e vovó Gigi vão ao consultório oftalmológico, Nico e Jorel para a área de games e diversão. Cada um busca sua própria diversão e/ou entretenimento. O professor aqui pode levantar questões à turma: Como eles se divertem? Há um lugar específico de lazer para eles?

Resta a vovó Juju e o Irmão do Jorel que saem na busca pela roupa nova para o garoto usar no aniversário. No percurso são constantemente “bombardeados” por propagandas (Figura 2). Roberto Perdigoto, que aparece na propaganda televisiva da imagem, tenta vender um produto “inédito” e capaz de resolver todos os seus problemas: “Algumas perguntas não aceitam respostas simples. De onde viemos? Para onde vamos? O que calçar hoje? Um sapato ou um tênis? Agora você não precisa mais escolher! Porque chegou o sapatênis!”. A propaganda tem esse poder de solucionar os mais variados problemas, mesmo que seja só ilusório. O professor pode trabalhar com sua turma o poder que a mídia tem para atrair o consumidor, cores e objetos usados para chamar a atenção de determinadas faixas etárias, como as propagandas influenciam as pessoas e que tipo de propaganda e produto é voltado para determinada idade.

Figura 2: Irmão do Jorel e vovó Juju compram um sapatênis.



Fonte: Netflix/2020.

De fato, as propagandas saltam aos olhos, seja nas vitrines, expositores ou na própria fachada do prédio, o que vemos é imagens que nos sugam para um vórtice de consumismo. E esse não é o “espírito

capitalista”? O objetivo de vida é a aquisição, sempre buscar algo novo. Quem nunca foi ao shopping e disse “pelo menos uma casquinha”?! Entrar e sair sem consumir nada já é consumismo, você usou as dependências, passeou, encontrou alguém para bater papo.

As desigualdades sociais são perceptíveis, são lojas com preços exorbitantes e outras com valores mais acessíveis, e Faraco vai abordar esse discurso bakhtiniano ao dizer: “A relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas” (2009, p. 50). A vida social é polifônica e geográfica, como diz Cavalcanti (1998, p. 122), “geografia é uma prática social que ocorre na história cotidiana dos homens. Há uma geografia das coisas e da vida cotidianas”.

Mesmo sendo um espaço aberto ao público, é perceptível a desigualdade que se dá não apenas em relação aos preços, mas também no acesso a determinadas lojas. Entre os vários discursos abordados vemos uma polifonia de enunciados: “Na polifonia cada voz encontra seu complementar. Por isso Bakhtin considera com tanta frequência em seus textos a vida social como um diálogo inconcluso, poliglota, heterogêneo e heteroideológico” (DI CAMARGO, 2020b, p. 174).

Aqui cabe indagações que o professor pode fazer, mesmo que sua cidade não disponibilize um shopping (sempre temos os centros ou bairros comerciais que desempenham papéis semelhantes, só que com preços não tão exorbitantes): As lojas que você vê no shopping tem no seu bairro? Você vê diferença de preços entre o shopping e as lojas do seu bairro? Que tipos de veículos e/ou recursos são utilizados para “convidar” o consumidor a comprar neste ambiente? Que tipos de serviços são “vendidos”?

Figura 3: Vovó Juju dá um Sprok Maçã para o neto.

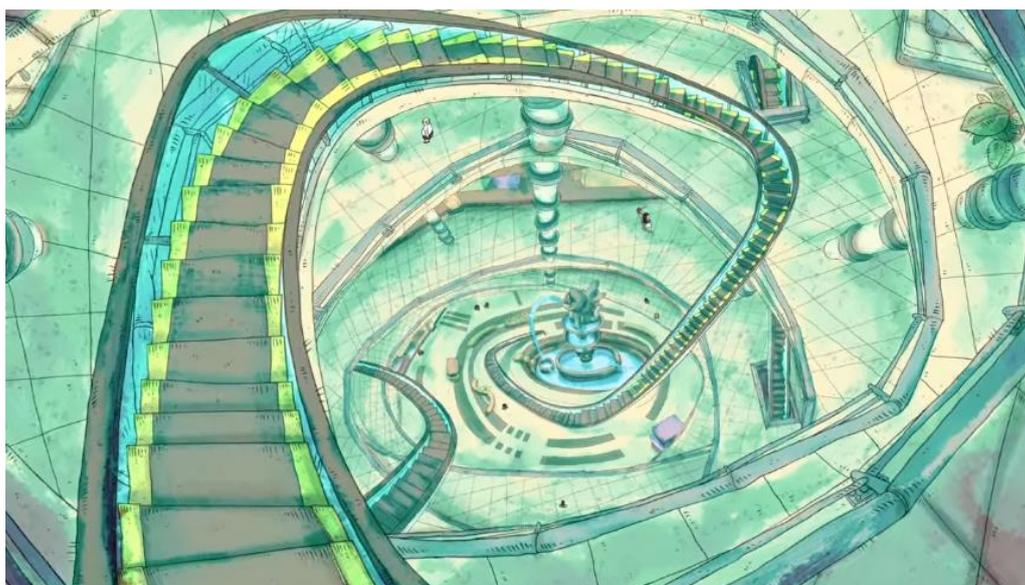


Fonte: Netflix/2020.

Quando a vovó Juju compra para seu neto um Sprok Maçã, sabor Abacate (Figura 3), notamos uma certa crítica ao comércio de bebidas prontas. Isso porque, como sabemos, a base para essas bebidas ultraprocessadas é suco de maçã, proporcionando uma maior durabilidade nas prateleiras. Mesmo um suco de uva, tem em sua base suco de maçã e aromatizante de uva. Assim, quando a vovó Juju compra um refrigerante de maçã sabor abacate, está satirizando o fato de ter base de uma fruta e sabor de outra. Bakhtin trabalha com essa ideia de que a vida carnalizada não oficializada vai se constituir como uma paródia da vida cotidiana, onde somos os protagonistas:

O mundo interior é a dialogização da heterogeneidade de vozes sociais. Os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas. Por isso, eles nunca são expressão de uma consciência individual, descolada da realidade social, uma vez que ela é formada pela incorporação das vozes sociais em circulação na sociedade (FIORIN, 2006, p. 58).

Figura 4: A maior escada rolante da América Latina.



Fonte: Netflix/2020.

Em dado momento, o Irmão do Jorel se perde da vovó Juju ao subir uma escada rolante (Figura 4) e na fala a seguir do funcionário do Shostners Shopping, percebemos que as disposições das escadas rolantes são estratégicas e propositais, para que você tenha acesso ao maior número possível de lojas até que encontre a saída:

Wonderlay: Você sabia que essa é a maior escada rolante da América Latina?

Irmão do Jorel: Eh, Como é que eu faço pra voltar lá pra baixo?

Wonderlay: “O Shostners Shopping foi projetado com um novo conceito de arquitetura comercial que permite que o consumidor olhe todas as vitrines antes de conseguir sair do Shostners Shopping”

Será que a disposição de todas as lojas são estratégias de consumo? Será que a localização geográfica do próprio shopping é estratégica? Será que o centro comercial da sua cidade tem alguma estrutura estratégica ou disposição de lojas? Os shoppings sempre têm nomes difíceis? São questionamentos que o professor pode levar para sua turma e incitar um debate em que os alunos exponham suas próprias experiências, seja em um shopping ou mesmo no comércio local. Afinal, como aponta Fiorin “Um mundo polifônico seria um mundo em que o pluralismo de ideias fosse efetivamente respeitado, porque todas as vozes seriam equipolentes, nenhuma voz social se imporia como a palavra última e definitiva” (2006, p. 83).

Figura 5: Irmão do Jorel no consultório odontológico.



Fonte: Netflix/2020.

Encontramos o riso não somente na busca do Irmão do Jorel por vovó Juju, ao andar por tantas escadas rolantes, infundáveis e sem destino certo, mas também quando o Irmão do Jorel entra sem querer em um consultório odontológico e é confundido com uma paciente, a “Carla”. Bakhtin aborda o carnavalesco como um produto do riso, em que as classes dominadas zombam das dominantes: “A paródia [...] é de natureza carnavalesca. [...] Zomba-se da voz séria” (FIORIN, 2006, p. 97). O carnavalesco é o riso que encontramos na ironia e em situações que relacionamos com experiências próprias.

O garoto é arrastado sem nem conseguir explicar que não é uma garota, quanto mais que não era paciente, é colocado na cadeira (Figura 5) e tem um aparelho odontológico instalado em sua boca. Segue-se cenas que associamos a qualquer visita odontológica: barulho ensurdecador da broca, anestésico que nos desnor-teia, massa para molde que entope a boca. Novamente, é trazido o riso para descrever essas cenas que para muitos são aterrorizantes.



Questionado se está com calor, o dentista diminui ainda mais a temperatura do ar-condicionado, congelando utensílios e tornando o ambiente glacial. Bakhtin trata o riso no carnavalesco: “A paródia [...] é de natureza carnavalesca. [...] Zomba-se da voz séria” (FIORIN, 2006, p. 97). Ainda, segundo o mesmo autor, “O carnaval de que trata Bakhtin é um espetáculo muito diferente do carnaval de nossos dias [...], não é uma festa que se presencia, mas que se vive. [...] Questiona-se ludicamente todas as normas” (p. 92). Vemos, através do riso, coisas sérias que vivenciamos e no momento nos foram desagradáveis, mas, uma vez deixadas no passado, se tornam objeto de riso. Como os consultórios conseguem ser tão frios? Quem nunca passou frio no dentista?

Diante de tantos discursos distintos, enunciados diferentes, percebemos que a polifonia “indica a presença de novos e múltiplos pontos de vista de vozes autônomas, que não são submetidas a um centro. As vozes são equipolentes, ou seja, elas coexistem, interagem em igualdade de posição” (FIORIN, 2006, p. 79), um pluralismo de opiniões, a polifonia aqui se faz presente: “Desse modo, Bakhtin favorece a *polifonia de discurso*, ou seja, a presença de muitas vozes que não se fundem em uma consciência única, mas participam de um dinamismo dialógico” (DI CAMARGO, 2020a, p. 40. *Grifo nosso*).

A inclusão de imagens no trabalho pedagógico, sob a perspectiva da polifonia, possibilita que esses textos sejam compreendidos como expressões da cultura, numa abordagem em que múltiplas interpretações são possíveis e muitos grupos socioculturais podem ser representados por meio de suas produções (Ibid., p.118).

Percebemos, portanto, que Bakhtin se faz presente em Irmão do Jorel, com conceitos relevantes ao seu entendimento, por meio de dialogismos marcantes, fazendo-se presente também nas aulas de Geografia, para que tenhamos cidadãos críticos e atuantes socialmente. Pois, como Paulo Freire disse: “o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante” (1996, p. 139).

Como a duração é curta, o professor pode passar uma primeira vez sem interrupções e uma segunda pausando, indagando os alunos e permitindo que eles exponham suas opiniões. Durante ou após a exibição, o debate é necessário para que os discentes desenvolvam a criticidade e questionem o que foi assistido.

Mais do que uma ferramenta de ilustração, o Irmão do Jorel possibilita projetar situações relevantes para incitar indagações e críticas, expor experiências vividas e partilhar conhecimentos adquiridos fora da sala de aula. A participação ativa do aluno permite que este passe de espectador apático à protagonização social.



CONCLUSÃO

Para não concluir, por percebermos que sempre haverá necessidade de pesquisas sobre a utilização dos Desenhos Animados como ferramenta didática, constatamos que este recurso imagético é relevante ao professor e de fácil manuseio, além de conter curta duração, o que possibilita sua exibição em uma aula, podendo ser reexibido, se assim desejar.

Depreendemos a relevância que os Desenhos Animados possuem, sendo uma fonte rica de aprendizagem e um recurso didático lúdico relevante não apenas para o Ensino Infantil e Fundamental, mas aplicável também no Ensino Médio de forma prazerosa e com criticidade, projetando os alunos de meros espectadores para um universo protagonista.

Paralelamente à proposta de uma aula geográfica sobre Capitalismo, com a utilização do Desenho Animado Irmão do Jorel, dialogizamos com conceitos bakhtinianos, relacionando-os com a ferramenta audiovisual, de forma que facilite sua compreensão.

Mediante o exposto, a partir de uma linguagem rica e acessível, é plenamente possível utilizar a animação Irmão do Jorel nas aulas de Geografia, de forma a ampliar a capacidade de indagações e participação dos alunos, com auxílio da mediação docente.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Escola e televisão. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org). **A Geografia na sala de aula**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. 192 p.
- D'ANGELO, Helô. **Revista Superinteressante**. Disponível em: . Acesso: 06/08/2020 às 10:27
- DI CAMARGO, Ivo Junior. **A memória de futuro em tela: diálogos entre cinema e Bakhtin**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020a. 198 p.
- DI CAMARGO, Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica. São Paulo, Mentis Abertas, 2020b, 282 p.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paul: Ática, 2006. 144p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **USO DE INTERNET, TELEVISÃO E CELULAR NO BRASIL**. Disponível: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso: 26/08/2020 às 17:17.
- LIMA, Joélica Pereira de. **O desenho animado como recurso didático: uma intervenção no ensino médio**. 45 p. Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação. UEPB, Campina Grande – PB, 2014.
- LIMA, Joélica Pereira de. **A construção do pensamento geográfico através dos Desenhos Animados: Uma experiência utilizando o Pica-Pau como Recurso Didático**. 66 p. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande – PB, 2011.
- PEREIRA, Aline. **“Irmão do Jorel”**: sucesso levou primeiro desenho brasileiro da Cartoon ao exterior. Blog VIX. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/entretenimento/545904/irmao-do-jorel-sucesso-levou-primeiro-desenho-brasileiro-da-cartoon-ao-exterior>. Acesso: 06/08/2020 às 11:59
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko lyda; CACETE, Núria Hangli. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, Clézio. O uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.
- SOUZA, Fábio Marques de; SOARES, Maxwell Barboza. **Confluências entre cinema e educação: reflexões mediadas por Darcy Ribeiro, Mikhail Bakhtin e Paulo Freire**. São Paulo, Mentis Abertas, 2020, 124 p.
- SOUZA, Fábio Marques; DI CAMARGO, Ivo Junior (Org.). **O Círculo de Bakhtin em diálogo: relatos de pesquisas**. São Paulo: Mentis Abertas, 2019. 150 p.
- STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009. 159 p.